

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 110

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

E' a questão religiosa que perturba, até ao ponto em que vimos, a nação ingleza. E' a questão religiosa que, como vamos ver, a continuará perturbando.

Sempre ella o maior elemento de discordia! Ella ainda que, neste mesmo instante, lança em guerra a America Central!

Quantas luctas, quantas atrocidades, quantas infamias commettidas, em nome d'ella, por Henrique VIII, seus filhos Eduardo, Maria e Isabel, por Jacques I e Carlos II. Quantas, nos reinados, que se seguem, de Carlos II e Jacques II!

Cromwell aboliu, como vimos, a religião official. O Estado não tinha religião nenhuma, principio de liberdade que o dictador manteve até ao fim. Restaurada a monarchia, Carlos II apressou-se a restabelecer a religião anglicana como religião official.

Não contente com isto, encetou logo a perseguição aos presbyterianos. Assim começavam estes a pagar a guerra que tinham feito á republica.

Mas não se limitou aos presbyterianos inglezes. Os seus futuros dirigiram-se principalmente contra os presbyterianos escocizes, contra esse paiz onde elle tinha achado o seu maior apoio, que o recolheu e amparou em horas de desgraça, que conspirou sempre a seu favor, d'onde partiu o grito de *Viva o rei*, quando Monk deu o famoso golpe revolucionario!

Tal é a gratidão dos reis. Carlos II aspirava, como seu pae, á realza absoluta. Era nos presbyterianos da Escocia que encontrava, como seu pae encontrou, a maior opposição. Contra esses, pois, voltou de preferença os seus rancores.

Lord Argyle, o maior proprietario escociz, o mais antigo e o mais illustre dos presbyterianos, foi condemnado á morte e executado na praça de Edimbourg como cúmplice na morte de Carlos I. O infame Monk entregou uma correspondencia confidencial trocada entre elle e lord Argyle. Sempre os mesmos tambem, estes serventuarios ignobéis da realza! Monk tinha servido e traído a republica. Não contente com o simples facto da traição, levou a sua infamia até ao ponto de denunciar correspondencias intimas, trocadas entre elle e Argyle, quando elle era, ou se dizia, mais inimigo da realza que o proprio Argyle.

Muito abjecto é este animal, que se chama homem!

E' bom observar-se que essa correspondencia não provou de forma nenhuma que Argyle tivesse incitado e nem sequer aconselhado os juizes de Carlos I.

Argyle, um velho cheio de cans, morreu com uma firmeza admiravel, recommendando do alto do patibulo a observancia do *Covenant* (1).

Seguiu-se Gutlry. N'este vingava-se Carlos II das censuras que o escociz lhe fizera durante as extravagancias do exilio.

Gutlry morreu com a mesma coragem de Argyle. Falou uma hora ás multidões, de cima do cadafalso, justificando a sua conduta, exhortando o poyo a conservar-se fiel ao *Covenant*, que engrandecera e exaltou.

Em seguida a camara dos communs, onde o governo, pelos processos de galopagem muito nossos conhecidos, tinha juntado uma maioria enorme, ordenou que a acta do *Covenant* escociz fosse queimada pela mão do algoz.

Estava novamente declarada a guerra ás doutrinas religiosas e politicas dos presbyterianos.

Foi-lhes imposta a abjuração d'essas doutrinas. Por um acto do parlamento ordenou-se a todos os padres, sob pena de serem privados dos seus beneficios e perseguidos em harmonia com as leis anteriores á revolução, que se conformassem com o culto da igreja anglicana segundo o livro de orações novamente revisto; que declarassem, por juramento, que approvavam tudo o que esse livro continha; que se apresentassem aos bispos para receberem ordens e que renovassem o seu juramento ao rei como chefe da igreja episcopal ou anglicana. Foi-lhes concedido um curto prazo para essa abjuração.

Contudo, as sympathias particulares do rei eram para os catholicos.

O rei preferia essa religião a qualquer outra, não por ser mais pura de dogmas, mas por se conciliar melhor com os interesses das monarchias. O duque de York, seu irmão, tinha por ella uma inclinação ainda mais decidida. A rainha mãe era catholica fanatica. O rei tinha casado com uma princeza papista (2). A corte estava cheia de padres d'esta religião ao serviço das duas rainhas. (Armand Carrel—*Histoire de la Contré Révolution en Angleterre*, pag. 38).

O maior estorvo para os reis de Inglaterra proveio sempre da religião; com effeito, todos tinham devido resignar-se a ser injustos com parte de seus subditos para governarem a outra. Carlos II fluctuou inerte, e descontentou to-

dos. Depois de ter promettido a liberdade de consciencia, restabeleceu o juramento á igreja constituida, quer dizer, á igreja episcopal. Os presbyterianos recusaram-se, e dois mil ministros, pelo menos, renunciaram aos seus beneficios; consequentemente, renovaram-se as perseguições, e com ellas o fanatismo. Os ministros anglicanos, que sempre haviam pregado a omnipotencia régia, demonstraram então que se não devia obedecer ao rei, senão dentro dos limites da lei. (Cesar Cantu—*Historia Universal*, vol. X pags. 277).

O maior estorvo para os reis de Inglaterra proveio sempre, diz o bento Cesar Cantu, da religião.

Para a Inglaterra, para todas as nações, para toda a gente, em geral e em especial.

Os presbyterianos escocizes, a quem Carlos II impoz, como seu pae já tinha feito, o culto episcopal, revoltaram-se, como succedera com Carlos I. Dois mil homens armados, reunidos em Dumfries, proclamaram o *Covenant*. O general Dalziel marchou contra elles e facilmente os derrotou. Mas as atrocidades, que se seguiram, foram espantosas. O bispo Sharp, que acompanhava o general Dalziel, ordenou os mais sanguinarios supplicios. Dos revoltosos, uns foram enforcados, outros queimados, a outros tiraram-lhes os olhos, a outros quebraram-lhes as pernas, etc. Um horror!

Por outro lado, Dalziel não perdia o tempo. Obrigava os escocizes a irem ás igrejas receber o culto official. Aos que resistiam mandava-os assar vivos, simplesmente!

Ao mesmo tempo que isto acontecia, as devassidões da corte faziam echo em todo o paiz e em toda a Europa. Carlos II era, precisamente, o que nós chamamos um *pandilha*. Bebedo, debochado, sem opiniões, sem palavra, sem fé, dando espectaculos ignobéis com mulheres, hoje amigo d'este, amanhã amigo d'aquelle, mas amigo ou supposto amigo só de bêbedos e pulhas como elle, era a vergonha dos homens, era um attentado, uma offensa irritante á consciencia publica.

Bello argumento para o *absolutismo illustrado* a que aspiram varios mariolões e imbecis da nossa terra. E' bello exemplo, porque, então como hoje, de cem imperantes, de cem testas coroadas encontra a gente um, quando muito, que seja um homem completo, tão completo quanto a imperfeição humana e admite.

Nas republicas, da antiguidade como dos tempos modernos, o chefe do estado é sempre um homem de regulares meritos e virtudes. Ou se impõe pelo seu talento, pelo seu genio militar ou politico, ou pelas suas qualidades moraes. Não ha uma

excepção. Os que são auctoritarios ou despotas, são homens de decisão, d'iniciativa, d'energia, de qualidades politicas de primeira ordem, que se não os tornam sympathicos, os tornam, quasi sempre, necessarios. Os que não possuem estas qualidades, são homens de notaveis qualidades moraes.

Nunca se encontra entre elles um Carlos II, isto é um bebedo publico, um debochado sem vestigios de decoro, um pandilha sem fé, sem palavra, sem intelligencia, um tyranno que faz cortar cabeças com a facilidade com que o lavrador corta no campo aservas que lhe não agradam.

Nunca! E bastaria isso para que toda a gente preferisse o regimen republicano, se o mundo não estivesse cheio de imbecis e de tratantes.

E continuaremos no proximo numero com mais algum vagar.

Chegaram hontem a Aveiro e á praia do Pharol, onde vieram em visita ao sr. capitão Homem Christo e sua familia, o sr. capitão Adolpho Lebre e sua esposa.

CALOTEIROS

Mais tres. Acautelem-se com elles!

Olhem que elles fazem isto porque sabem que não os vamos citar por causa de 600 réis. Logo fazem o mesmo a toda a gente em idênticas circunstancias.

Olhem que quem não é sério á son bra, não é sério ao sol!

A seriedade é uma só!

Elles não gastavam nem um real a dizer-nos, em tempo competente, que não queriam continuar com a assignatura do jornal!

Não o fizeram porque não são sérios.

Cuidado com gente d'esta, que faz *partida*, seja a quem fór e em que circunstancias fór, sempre que o pudér fazer impunemente.

Cuidado! Cuidado!

Ahi vão elles:

José Martins Alves—Rua do Poço Negro, 56—Lisboa.

José do Amaral—Rua dos Prazeres, 55—Lisboa.

Joaquim Pereira da Costa—Travessa da Memoria, 26—Lisboa.

O homem mais gordo do mundo

Vive em Paris. Pesa 260 kilos e tem uma cintura de 2^m,48.

Quando viaja em caminho de ferro vai sempre em wagon de mercadorias, por não caber nas portas das carruagens dos passageiros.

E' tido como o homem mais gordo do mundo. A sua estatura é completamente gigantesca.

Mac-Kinley

Todos conhecem o attentado contra o presidente da Republica Norte Americana.

Condemnamo-lo, como toda a gente. E' de justiça, porém, affirmar, que Mac-Kinley representava aquelle elemento americano que roubou Cuba á Hespanha em nome da liberdade e emancipação dos cubanos para os sujeitar, afinal, a um novo jugo. Mac-Kinley era o representante d'aquelle elemento que pedindo a *America para os americanos*, foi tirar as Philippinas aos asiaticos. Mac-Kinley era, emfim, a synthese do imperialismo, que a negação da velha tradição saxonica de autonomia e liberdade.

Ora não se offende impunemente a consciencia publica, não se falsificam impunemente doutrinas e principios apregoados como norma e virtude, embora isso não seja motivo para um assassinato, que nunca se justifica, nem na politica nem fóra da politica.

Mas é motivo para exaltar os espiritos doentios, despertando n'elles actos de criminosa loucura.

E mais nada.

Instrução primaria

Com este titulo publica o nosso presado collega *Vitalidade* o artigo que se segue e que tem muita importancia por ser escripto por um professor do lyceu.

Vejam a que isto chegou! Fervem os empenhos para que sejam nomeados examinadores uns certos e determinados professores em vez d'outros!!

Refinadissima pouca vergonha. E assim vamos.

Aos exames de admissão ao lyceu de Aveiro, acudiu n'este anno, como já tivemos occasião de dizer, numero de alumnos muito superior ao do anno passado. Requereram 447 individuos de ambos os sexos. Faltaram, apenas, 6. Foram, pois, examinados 441. D'estes ficaram distinctos 34, e simplesmente approvados 381, sendo reprovados 26.

A percentagem das reprovações sobre os examinados é, portanto, de 5,895 p. c.; e a das distincões de 7,709 p. c. E' um resultado honroso.

Deve dizer-se que quasi todos os professores do districto de Aveiro apresentaram alumnos a exame, o que, decerto, abona as suas qualidades de trabalho e de competencia.

Mas ao mesmo tempo se deve acrescentar que as cartas, de recadinhos, os pedidos de recommendação, ferveram em toda a linha, como já tinham fervido antes dos exames, (e é d'uso fervere), para que fossem nomeados examinadores uns professores de preferença a outros.

Claro é que, nós, manifestamo nos, mais uma vez, contra esse systema de vida, e repetimos, agora, o que já dissemos o anno passado:

—Se o cargo de examinadores é uma honra e um beneficio para os

(1) Liga religiosa formada na Escocia contra os episcopos da Inglaterra.

(2) Era portugueza, filha de D. João IV. Para casar com aquella linda prenda de Carlos II levou em dote Bombaim a Tanger!

Cartas d'Algueres

12 DE SETEMBRO.

A falta de modestia e de simplicidade de costumes é o peor mal d'este paiz.

Não é a primeira vez que o digo. Mas não vejo inconveniente em o repetir. Antes toda a vantagem nacional seria que muitos o dissessem e muitos o repetissem, até entrar essa convicção no espirito de todos.

A grande propaganda seria essa. O maior serviço que jornalistas, oradores, publicistas, podem prestar a Portugal, é convence-lo de todos os seus vícios, mans usos, maus costumes, e, por consequencia, da necessidade urgente de os reformar.

Isto é o paiz mais democratico da Europa, diz-se. Que absurdo!

Eu não direi que seja, na essencia, o paiz mais aristocratico; mas é o que mais aspira á aristocracia, o que equivale a dizer que é o mais imbecil e o mais asno d'elles todos.

E' tão forte esta corrente, esta mania, direi melhor, que nem os espiritos mais cultos, que nem os proprios que se dizem republicanos escapam a ella.

Oliveira Martins, no fundo, era um aristocrata. Eça de Queiroz era um aristocrata. Guerra Junqueiro é republicano por amor da patria e não dos principios. Os principios são para elle uma coisa secundaria. Se a patria fosse provisoria ou ephemeramente feliz com o absolutismo, elle seria absolutista. João Chagas esforçou-se, na sua antiga *Republica Portuguesa*, por distinguir entre *republicanos da patria* e *republicanos da republica*. Elle era dos republicanos da patria.

Oliveira Martins, depois de nos pintar, no *Portugal Contemporaneo*, a degradação a que o beaterio arrastou este paiz, passou os ultimos tempos da vida fazendo causa commum com o beaterio. Privou com elle intimamente. Morreu de irmãs da caridade á cabeceira e de rosario ao pescoço.

Eça de Queiroz, depois de nos narrar magistralmente, no *Padre Amaro*, a entrevista do medico Gouveia com o Eduardo, e a palestra do mesmo Gouveia, na Ricoça, com o padre Ferrão, escreve a Guerra Junqueiro, na *Correspondencia de Fradique Mendes*, que lhe causa horror a idéa do povo chegar a emancipar-se por completo das mentiras da religião.

Não ha n'este paiz um espirito logico e coerente. Desde os mais altos e mais cultos até aos mais baixos e grosseiros, é uma vergonhosa incoherencia, uma ignobil contradicção de factos, processos e palavras.

Este, que se diz livre pensador, baptisa o filho catholicamente para fazer a vontade á mãe, *que assim lh'o pede*. Aquelle, pallador famoso que grita heresias a proposito do acto mais insignificante da Igreja, casa-se catholicamente para fazer a vontade á noiva, *que o deseja*. Est'outro, aquell'outro, confessa-se por *condescendencia*, communga por favor, benze-se por *ceremonia*, pega no lyssope ou na cauda ao bispo por *gentileza*.

Ignobeis! E confessam os motivos da sua incoherencia pelintra com a maior naturalidade, como se houvessem commettido o acto mais innocente e mais digno do mundo! E eu ouço-os sem os correr a pontapés.

Sim, eu ouço-os! Não falo nos outros, porque tenho a vaidade—e a tristeza ao mesmo tempo—de encontrar poucos que pensem e sintam como eu.

Eu ouço-os. Ouço-os sem os repellar a pontapés, para não cabir no ridiculo.

Ai de mim, se não contivesse a minha indignação, se não me deixasse ficar de pé tranquillo e braços cruzados! Era corrido como um doido. Tão incomprehen-

sivel—disparatada, estafurdia—seria a minha indignação, n'este meio sem pudor! Mas rio-me. Sempre que ouço um patarata apregoar revoltas, sempre que leio um imbecil—talentoso na opinião geral—disparando dardos—e coices—contra o monarchismo, o clericalismo, o militarismo, invade-me naturalmente um impeto de nojo. Já sei que é creatura que se vae confessar para *fazer a vontade á mãe*, que se ha de casar catholicamente para *agradar á noiva*, que deixa mergulhar o filho na pia do baptismo e crescer no temor de Deus para não *contrariar a esposa*, e que se desfaz de vaidade se consegue privar com os generaes, com os ministros, com os *grandes* nos empregos, nos pergaminhos, na finança.

Não ha outro paiz assim no mundo. Em toda a parte existem apostasias, incoherencias, contradicções. Mas em toda a parte se encontram temperamentos de protesto, que nascem e morrem protestando. Mas em toda a parte—Portugal excepção unica—se encontram escriptores audaciosos, rebeldes, investindo sempre com todos os preconceitos, mentiras e convenções estupidas, na mira persistente e tenaz d'uma conquista, n'um fim de propaganda, n'uma aspiração de verdade que se não desmente nunca.

Em Portugal, não. Em Portugal, nenhum!

Em Portugal os melhores são *simples artistas*. Temos artistas, não temos pensadores. Oliveira Martins não faz historia, faz quadros. Eça de Queiroz não escreve, pinta. E, como todos os artistas, escolhe, para pintar, assumptos modernos, pouco explorados e tratados.

Não são homens convencidos da verdade e tratando a verdade por amor da verdade. São *sportemen*. O auctor do *Padre Amaro*, o homem que traça magistralmente a figura do medico Gouveia, escreve, na *Correspondencia de Fradique Mendes*, a carta a Guerra Junqueiro, vive no meio da aristocracia beata e ao beaterio entrega os seus filhos, e o seu corpo quando morre. Escrever, para elle, é um *sport*. *Sport* que cultiva com a mestria com que o sr. D. Carlos atira aos pombos na Tapada. Não quer o povo cultivado, elevado até elle. Uma lavadeira sem estupidez e um cocheiro sem ignorancia offendem-lhe o sentimento fidalgo.

E' um aristocrata que se diverte a pintar os ridiculos da aristocracia. Não pinta os ridiculos do povo, porque o povo não os tem, ou, se os tem, não dão grandeza para quadro.

E todos assim. Guerra Junqueiro não é um poeta revolucionario, por mais que o pretenda. E' um poeta romantico, por menos que o deseje. Conserva a tradicção romantica da guerra ao padre e a tradicção classica do culto á patria. Delira em extasis deante da *crença* dos simples e põe os *principios* n'um plano secundario, baixo, inferior.

O proprio Theophilo Braga é um orthodoxo. Entre os do sacro collegio positivista é dos que rendem maior preito e reverencia á tiara. Quem o lê e quem o vê tem deante dos olhos, sem forçar a imaginação, uma figura papal, sem barbas, porque a Igreja de S. Pedro Laffite tem o *typo ginja* que convem aos apóstolos de Comte e aos papas do positivismo.

Satanaz nunca fez escola n'esta terra portugueza. Ninguém se revolta contra Deus. Ao contrario: *Deus super omnia*. Esta divisa, que tomou um caracter particular desde que a adoptou Bertholdo dos almanachs, ficou sendo a divisa nacional por excellencia.

Não. Satanaz não é portuguez porque Satanaz ficou sendo plebeu desde que o Eterno o poz fora do Empyreo, e em Portugal são aristocratas os que se dizem plebeus. A mandrice, a inhabilidade, a inutilidade, o luxo, esses vícios que são apanagio da ve-

ANALPHABETISMO NO EXERCITO

O *Mundo*, em dois artigos, e a *Vanguarda*, n'outro, que não transcrevemos por falta d'espaco, referem-se com palavras de louvor á experiencia feita pelo sr. capitão Homem Christo em infantaria 14.

O nosso estimado collega A *Voz da Officina*, de Vizeu, diz a tal respeito o seguinte:

Foi louvado pelo sr. ministro da guerra e em ordem de divisão o sr. capitão Homem Christo que auxiliado pelo sr. alferes Paes e 2.º sargento Frederico de Jesus ensinou a ler e a escrever os soldados da sua companhia no limitadissimo espaco de 3 mezes—o tempo da instrucção militar.

N'um paiz onde os altos poderes são divorciados andam dos principios da justiça, o caso surprehe e assombra até.

Enviámos os nossos parabens ao illustrado official pela merecida distincção que de receber vem.

Tambem o correspondente em Aveiro do *Jornal de Vagos* escreve palavras de applauso ao sr. capitão Homem Christo.

Com o *Progresso de Aveiro*, órgão do partido progressista n'este districto, deu-se um facto que seria uma grande incorrecção da nossa parte se houvesse sido propositado. Tendo nós transcripto aqui as palavras de justiça publicadas pela *Vitalidade*, e dizendo que faziamos essa transcripção pelo agrado que essas palavras, por serem escriptas por um aveirense e por um adversario politico, haviam de produzir no sr. Homem Christo, ha de ter parecido inexplicavel que não fizéssemos o mesmo com o *Progresso de Aveiro*.

A explicação é facil. Só hontem tivemos conhecimento do pequeno artigo publicado pelo *Progresso de Aveiro*, artigo de significação tanto maior quanto é conhecido de todos o estado das relações do sr. Homem Christo em Aveiro, onde, apesar de ser a sua terra, vive, quando aqui está, tão isolado como em toda a parte, e onde, pela sua conducta d'intransigencia, só pôde ser applaudido por um acto dos mais espontaneos e sinceros, e minea por condescendencia facil ou tendencia louvaminheira. O *Progresso de Aveiro*, depois de transcrever o louvor ao sr. capitão Homem Christo publicado em *Ordem do Exercito*, diz isto, que se honra o nosso amigo, não honra menos, pelos motivos atraz declarados, quem o escreveu:

Trata-se de um adversario politico, mas tambem se trata de um aveirense illustrado, de um official do exercito intelligente, que sabe cumprir o seu dever e que vae talvez além do cumprimento do dever, em que é de uma severidade excepcional e de um rigor exemplarissimo.

O sr. Homem Christo pôde ter, como jornalista, pontos de vista extranhos, com que não estamos de harmonia; mas tem, como homem de pena, raras qualidades de polemista, o talento, o desassombro e a firmeza de um luctador e uma espontaneidade de expressão que é, muitas vezes, o encanto do noso espirito.

E' possivel que o elogio que a ordem do exercito faz dos serviços do sr. capitão Homem Christo seja inferior á grandeza dos seus merecimentos, como membro do exercito, mas não temos competencia profissional para aquilatar o valor de taes serviços. Isso é com o elemento militar, que tem suas regras e formulas especiaes que fogem algumas vezes á apreciação critica do gente profano. O que

dizemos, e dizemos desinteressadamente e por um sentimento de justiça, que temos muito prazer em fazer sobresahir, é que folgamos com que um digno filho de Aveiro haja conquistado, pela sua valia intellectual e profissional e pelo seu character moral, uma situação que deve ser agradavel para todos os que nasceram n'esta doce e tranquilla região de esplendidas paisagens do campo e das aguas e se prezam de bons filhos d'Aveiro. Independentemente de toda a preocupação partidaria e respeitador das alleias crenças, aqui deixamos exarada a manifestação do noso sentir, que não da nossa lisonja.

O frio e o calor

Diz Mindall que, para produzir o frio, era necessario frequentemente o emprego de muito calor.

Na industria uma machina geladora exige o consumo de muito carvão. Assim, pois, o frio custa mais que o calor.

Na natureza, para a produção do frio, é indispensavel o excesso do calor.

Algumas cavernas profundas tem stalactites de gelo que só apparecem no verão.

Estes gelos estivaes attribuem-se á rapida evaporação das aguas de penetração.

Em certas regiões dos Estados Unidos, em que o clima é muito secco, a evaporação é tão rapida que basta o decurso de uma noite para fazer gelar a agua nas bacias.

O professor Glangeand diz que, com temperatura de 56 grats ao sol e 34 á sombra, se formam gelos em abundancia em certas regiões geologicas como nas fendas por onde circulava a lava dos vulcões, na cordilheira de Auvergen.

O mais curioso é que o phenomeno só se realisa quando ha muito calor.

ABSURDOS

O Segundo se lê em varios jornaes, vae ser superiormente determinado que as certidões até aqui exigidas nos *lyceus centraes* aos alumnos que, tendo frequentado estas casas de ensino, transitem de classe, sejam substituidas por uma declaração dos paes ou tutores dos estudantes, escripta em papel sellado e indicando o anno em que os matriculandos frequentaram a classe anterior áquella que pretendam cursar, acbando-se assim com o absurdo d'uma secretaria, passar para si propria a certidão d'um facto que só dos seus livros consta.

Achámos justo e ha muito que este absurdo nos dava na vista; mas, como n'este paiz raras são as coisas que não constituem absurdos, um absurdo a mais ou a menos não era coisa que perturbasse, nem que perturba, a harmonia universal...

E, como que para justificar este noso ponto de vista individual, ali temos nós na deliberação superior que sobre a forma das matriculas se vae tomar, um novo absurdo.

Pois então é só nos lyceus centraes que as certidões podem ser substituidas pela alludida declaração dos paes ou tutores dos estudantes?

Porque o não hão de ser tambem nos lyceus nacionaes?

Não serão tambem os exames feitos n'estes ultimos estabelecimentos do conhecimento directo dos secretarios?

E ali temos como atraz de um absurdo outro absurdo se levanta.

obreiros da instrucção popular, devem escolher-se para examinadores os professores mais habéis, mais zelosos e mais sérios. Essa é que é, e deve ser a tara da escolha; e não a empenhosa, de braços dados com a prosapia que tem o bojo de assoalhar em plena praça publica que taes e tal professores estavam examinando por influencia sua...

Similhanamente, o systema de fazer sete mil recommendações para a approvação de determinado examinando, é, tambem, exquisita, e attentatoria da dignidade dos julgadores, e da capacidade mental dos examinandos.

Comprehende-se que o professor, ou outra pessoa interessada, previna os examinadores de que este, ou aquelle pequeno é tímido, ou acanhado, ou surdo; que se assusta com esta ou aquell'outra forma de interrogar. Comprehende-se e admittê-se como esclarecimento á exploração que o examinador tem de fazer no interrogatorio. Mas lançar ao examinador um verdadeiro cerco de peditorios, cartas, recadinhos, etc., pondo o, assim, sob uma pressão obnoxia, ou n'uma indisposição móda se, o seu temperamento, ou a sua educação, não é de molde talhado para melurias, isso é uma enfermidade mental que deve acabar.

Ora na ultima época de exames de admissão essa pecha manifestou-se muito. Pareceu-nos que contribuirá para lhe diminuir a influencia, adoptar, na escolha dos examinadores, a tara a que nos referimos acima.

Escolha-se quem for mais habil, mais zeloso, mais trabalhador, se o cargo é uma honra apetecida e um beneficio pecuniario. De se, assim, estímulo aos professores briosos, castigando, ao mesmo tempo, os madraços e incompetentes, se os ha. Enfim, reaja-se com vigor e decisão contra a vaidade stulta de angariar importancia á custa das depressões moraes dos outros.

Se a um individuo se confia uma missão de justiça, deixe-se esse individuo livre, a sós com a sua consciencia, proferir a sentença.

De viva voz já temos accentuado estas idéas em publico: vão agora por escripto; e em occasião opportuna se repetirão, havendo necessidade, como aliás é de crer, porque infelizmente, estamos n'um tempo e n'um paiz, onde parece que a noção da justiça desce muitas vezes por um alcapão para abrir passagem ao espantallo da cunpenhoca, como em magica de barração, para effeitos scenicos, a fogos de Bengala.

Os microbios no corpo humano

Quando é que o homem começa a ser invadido pelos microbios?

Ao nascer, o corpo não tem microorganismos; mas, immediatamente depois, a superficie da pelle e as mucosas povoam-se com rapidez extraordinaria, sendo consideraveis as variedades de microbios que se installam em toda a parte.

Os germens provém do ar aspirado e da agua com que se lava a creança. No verão, esses animaculos desenvolvem-se com mais rapidez que no inverno. Geralmente apparecem 17 horas depois do nascimento.

Os microbios penetram em seguida no estomago e nos intestinos.

O medico berlinez dr. Miller descreveu mais de 30 especies concentradas na bocca e nos órgãos da digestão.

Os bacillos e bacterias accumulam-se no intestino delgado; mas a maior parte vai parar ao grosso, onde se tem contado até 40 classes distinctas.

O homem em perfeito estado de saúde tem 60 a 70 especies de microbios. No enfermo é infinitamente superior.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás	De tarde ás
3-45 m.	7-6 m.
5-21 m.	10-5 m.
9-11 m.	

De Aveiro para o Sul

De manhã ás	De tarde ás
7-34 m.	3-47 m.
10-42 m.	5-36 m.
	10-43 m.

dadeira fidalguia, são vícios inherentes a quasi todo o portuguez.

Anarchista, collectivista, republicano, monarchico constitucional ou absolutista, o portuguez é antes de tudo um mandrião e um parasita. Ou se emprega nos campos, ou nas officinas, ou nas obras publicas ou particulares, ou nas repartições do estado, o seu primeiro objectivo é illudir a vigilância dos proprietarios, dos patrões e dos chefes, para não fazer nada.

Não trabalhar e vir a usar o tratamento excellencia, eis o ideal!

Quando combatem o privilegio, o preconceito, o despotismo, não é por uma aspiração consciente da verdade, não é por umaancia de justiça, não é por um proposito tenaz de liberdade e egualdade. É por sport ou por despeito.

Teixeira de Queiroz, Manuel d'Arriaga, tantos outros, são republicanos por dilettantismo. Antes de serem republicanos, são fidalgos. Do povo pódem ter caridade. Mas mais nada. Consola-os a *alta roda*, cujos habitos e costumes lhes agradam fundamentalmente, não tanto por transigencia com as mulheres, como elles dizem, mas porque isso é plebeu. O registo civil é o acto de maior plebeismo que existe em Portugal.

Lembraes-vos d'isto, ó ingenuos, ó parvos, que acreditaeis imbecilmente em todas as *desculpas* d'esses illustres senhores. Não é para fazer a vontade à mãe, nem para agradar a noiva, nem para evitar discordias com a mulher que elles põem de parte o registo civil. Não. É porque o registo civil lhes repugna a elles proprios. Ser republicano não é coisa que provoque já revoltas na aristocracia. A aristocracia já viu que é uma questão de etiqueta, uma questão de sport. Ter a mania do Kuhné ou do Victor Hugo, para elles, aristocratas, é a mesma coisa. O Manuel d'Arriaga, com as suas flores de rhetorica, ou o Paulo Planhier, com as suas flores da outra banda, produzem-lhes o mesmo sentimento de indifferença, ou de admiração fria e banal. Ambos elles são inoffensivos nas suas *manias*. Os republicanos não mettem medo. E, por isso, não causam indignação.

Mas o registo civil é outra coisa. Esse, sim, que cheira a Satanaz e aos infernos. Esse, sim, que é um acto de revolta característico. A aristocracia treme de indignação. O registo civil não é do *tom*. É do mais baixo plebeismo. E' réles. E Deus nos livre de um republicano caracterizado d'esta terra praticar um acto de plebeismo!

Se algum o faz, o seu exemplo ficou isolado e esteril. Ninguem o segue.

Nunca! Todos por fidalguia e muitos ainda porque não se convenceram, por mais que gritem contra Deus e contra os padres, que Deus não existe, que não está sempre com o olho aberto, e que os padres, afinal, não são

os representantes auctorizados d'esse Deus, lá vão alegremente receber os sacramentos da Igreja.

Fidalguia na terra e fidalguia no céu. Quem fôr parar ao inferno perdeu os pergaminhos. Rei, ou papa, que tenha a desgraça de cair, depois da morte, em poder de Satanaz,—o que os fidalgos, aliás, só admittem por hypothese, se na terra receberam os santos sacramentos e conviveram com o Nuncio—perdeu immediatamente o caracter sagrado da aristocracia.

No inferno não ha, não póde haver aristocratas. E é por isso que um Eça de Queiroz não tem a audacia de morrer repellido, por declaração expressa, os sacramentos hypocritas e falsos da Igreja. E' por isso que elle viveu de mãos dadas com o beaterio, com o qual constituiu o seu meio e a sua familia.

Odio a Satanaz. Todos lh'o votam, desde o republicano até ao libertario. Os mesmos libertarios teem excellencia e são anjos n'esta terra!

Odio a Satanaz, que é plebeu. Odio a Satanaz, que é rebelde. Odio a Satanaz, que foi expulso, a pontapés, do grande palacio celeste pelo grande principe, o principe dos principes, contra o qual ficou conspirando e tramando n'uma tenacidade e coherencia, que seria um titulo brifantissimo de dignidade se Satanaz não ficasse marcado, pela sua expulsão, com o ferrete degradante do plebeismo.

Em todos os paizes do mundo se encontram manifestações d'espírito Satanico, d'esse espirito de revolta, de opposição, de critica audaz, excepto em Portugal. Aqui não ha um escriptor que ataque corajosamente e coherentemente Deus e o principio das religiões. Aqui não ha um escriptor anticlerical, de valor assignalado, que harmonise os seus actos com as suas palavras, como vimos em Eça de Queiroz, o auctor do *Padre Amaro* e da *Reliquia*. Aqui não ha um poeta revolucionario que deixe as velhas formulas do sentimento classico e romantico, de larga cultura para pôr de parte Deus, religiões, o christianismo em particular, para trocar o sentimento egoista e mesquinho da patria por um largo sentimento de humanidade. Aqui não ha um sábio, um philosopho que tire as conclusões legitimas, nitidas, logicas, eloquentes, rasgadas das primicias postas em materia de sociologia.

Todos concluem por meias palavras, a medo, desmentindo e confundindo aqui o que lhes pareceu além esclarecido e provado, se as conclusões são contrarias á convenção ridicula, ao preconceito, estúpido mas geralmente admittido, se, sobretudo, ferem esta louca e disparatada aspiração fidalga que existe no coração de cada portuguez, desde o mais humilde até ao mais elevado.

Patria de fidalgos!
Por isso mesmo patria sem redempção, enquanto essa louca mania existir. A. B.

Viva, sr. Meirelles!

Em carta dirigida á *Vitalidade*, o sr. Meirelles accusa o correspondente do *Seculo* em Aveiro de ter enviado a este periodico telegrammas pouco lisongeiros para o *Collegio de Jesus*, para cujas senhoras foi injusto e d'uma ingratitude condemnavel.

Não nos importa averiguar quaes os serviços e favores que o correspondente do *Seculo* deve ás senhoras para ter sido ingrato com ellas.

O que seria?
O' sr. Meirelles, o que dêram as senhoras ao homem?

Dêram-lhe chucha?
Hein?

Seria chucha, sr. Meirelles?
Mas enfim, se o sr. Meirelles não quer dizer é o mesmo.

Isso pouco importa.

O que importa é averiguar da ingratitude com que, por sua vez, o illustre sr. Meirelles, membro da illustre *União Liberal* de Aveiro, illustre ornamento da illustre *Commissão de Instrução* da mesma *União* trata a sempre citada e referida *União*.

Vae tudo em ao para rimar com *ingratitude*.

Viva, viva, sr. Meirelles!

Então um homem é liberal, e propagandista da *liberdade*, e membro da *Commissão de Instrução da União*, para defender, demais a mais a proposito d'uma historia, verdadeira ou falsa, de bacalhau pôdre, as senhoras do convento de Jesus?

Querem vêr que não foi chucha, mas bacalhau ou queijo inglez que as senhoras do convento de Jesus dêram a papar ao correspondente do *Seculo*?

O sr. Meirelles a accusar de ingratitude, a proposito de bacalhau mal cheiroso, o correspondente do *Seculo* para com as senhoras de Jesus, é negocio de *costa acima*.

E' é! Ou temos ironia no caso, ou coisa muito séria.

O sr. Meirelles da *Commissão de Instrução da União* a accusar de ingratitude, com as senhoras de Jesus, a proposito de bacalhau, queijo inglez ou coisa de tão mau cheiro como qualquer d'essas, o correspondente do *Seculo* em Aveiro, ou é grande escandalo ou grande troça.

O sr. Meirelles explicará ou dirá. Se não explicar nem disser, então o *ingratitude* é elle e só elle. O *ingratitude da União*!

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e sorprendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Príncipe, á entrada da Avenida.

—O sangue real d'Alfredo está ameaçado, disse Cedric.

—A hora de uma nobre dama está em perigo, disse o Cavalleiro Negro.

—E, pelo S. Christovão do meu boldrié, disse o bom yeomen, ainda que não se tratasse senão de salvar o fiel escravo Wamba, eu não me importava perder um braço para não tecarem n'um cabelo da sua cabeça.

—Tambem eu, disse o frade; e espero bem, *sirs*, que um doido, — e é preciso notar que eu quero dizer um doido livre entre os da sua classe e mestre na sua arte, capaz de saborear o gosto e o perfume de uma taça de vinho e um naco de toncinho—a um doido d'esses, digo eu, irmãos, que nunca lhe ha de faltar um bom padre para orar por elle ou para o defender, enquanto eu puder dizer uma missa ou brandir uma alabarda.

TYPOGRAPHIA
— DO —
POVO DE AVEIRO
Aecha de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encargamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

VELHA LENDA
Para o serviço de communicações, os chinezes ainda se servem de torres, onde se accende fogo. E' um genero de telegrapho que data de tres mil annos. O fogo d'essas torres é acceso em caso de invasão; de dia, o signal é dado pelo fumo; á noite, pela labareda. Na época do feudalismo chinês, 500 annos antes de Jesus Christo, esse systema servia para convocar os vassallos afim de receber ordens do imperador. Conta-se a seu respeito a seguinte original lenda:

Um monarcha, cujo imperio estava em decadencia, tinha uma favorita com um genio tão melancolico, que nunca conseguira que ella se risse. Um dia lembrou-se de que talvez podesse conseguir isso, chamando todos os seus vassallos por meio do telegrapho. Effectivamente elles acudiram com presteza á chamada do soberano, e a favorita, vendo toda essa gente, vindo de tão longe, todo o imperio em sobre-salto pelo unico motivo de que ella não queria rir-se, desatou á gargalhada. O imperador ficou satisfeito, mas os vassallos não. Recolheram furiosos para as suas cidades.

Passado algum tempo, o throno foi ameaçado pelo inimigo e o imperador mandou illuminar todas as torres. Não veio, porém, ninguem em seu soccorro. Persuadidos de que iam ser victimas d'uma nova phantasia do imperador e da sua favorita, os vassallos não quizeram saber de nada. O throno foi derrubado e o imperador enterrado vivo, depois de lhe terem arrancado a lingua, os olhos o nariz e as unhas dos pés e das mãos. Quanto á favorita consolou-se com o vencedor da perda do defuncto.

Ainda hoje, apezar do telegrapho electrico, estão em uso os signaes por meia de fogo. Os chinezes edificam as torres não porque tenham necessidade d'ellas, mas por amor ás coisas antigas. Porque o chinês, antes de tudo, é conservador.

E tendo dito isto executou um sarilho com a sua pesada alabarda por cima da cabeça com a facilidade com que um pastor vigoroso brandiria o seu cajado.

—Fallaste bem, santó padre, disse o Cavalleiro Negro; o proprio S. Dunstan não fallaria melhor. E agora, amigo Locksley, não vos parece que o nobre Cedric deve assumir a direcção do assalto?

—Por modo nenhum, replicou Cedric; eu nunca estudei como se tomam ou defendem estas moradas da tyrannia, que os normandos levantaram n'este desgraçado paiz. Quero combater nas primeiras filas; mas os meus honestos visinhos sabem muito bem que eu não sou um soldado adestrado na disciplina da guerra ou no ataque das praças fortes.

—Se tal é o pensar do nobre Cedric, disse Locksley, eu tomarei com prazer a direcção dos archoi-

Estudo critico dos projectos de reforma com respeito ao desenho.

VII

O DESENHO DOS SOLIDOS INCLUINDO OS EFEITOS DA ILLUMINAÇÃO (CLAROS E ESCUROS)

Enquanto antigamente o desenho do ornato estava collocado no centro do ensino, hoje o seu logar foi tomado pelo desenho natural. Esta troca liga-se intimamente com a transformação das ideias na grande sorte, incluindo a industria artistica; a devisa —*Para a natureza é o grito de guerra* tanto dos artistas como do professor de desenho. Aqui como alli dá-se uma batalha ardente das ideias; aqui como alli estão dois campos.

N'um d'elles reunem-se os representantes do antigo systema, no outro os sectarios das tentativas de reforma. Não é sómente a profissão de cima citada que os objectos materiaes devem constituir os assumptos de desenho exclusivos, encontra consideravel resistencia nos representantes do antigo methodo de desenho, mas tambem a propria execução do desenho dos solidos. A minha situação perante o desenho do natural, assim com a do partido fiel ás antigas escolai, realta do que fica dito.

Só necessita por isso considerar o processo do ensino.

(Continúa)

Carlos Hugo Richter.

A conquista dos polos

Vão partir, ou já partiram este anno, treze expedições para a conquista dos polos do nosso planeta.

Nunca se viu semelhante emulação; o anno corrente ficará celebre nos annaes da geographia polar.

E' um verdadeiro *match*, em que tomam parte os Estados Unidos, Canadá, Allemanha, Inglaterra, Italia, Hollanda, Suecia, Noruega e a Russia.

Encontrar-se-ão agora nas proximidades do polo successivamente, os seguintes exploradores: o vice-almirante russo Makaroff, o capitão canadiano Bernier, o norte americano Ziegler, o capitão da marinha imperial allemaõ Boverdacht, o conhecido explorador norte-americano tenente Peary e o sueco dr. Stein.

D'aqui até ao fim do anno partirão: Nansen, acompanhado pelo duque dos Abruzzos; o norueguez capitão Stockked; e o barão Toli que irá em um navio de sua invenção.

O polo sul será visitado este anno por allemães, inglezes, australianos e holandezes.

As duas mais importantes expedições ao polo sul serão a do Gauss, custeada em parte pelo imperador Guilherme; e a do *Discovery*, sob o commando de Scott, da marinha real ingleza.

ros; e podeis enforcar-me no carvalho das nossas reuniões se os defensores se mostrarem sobre as muralhas sem serem crivados de frechas tão bastas como os cravos da India n'um presunto de Natal.

—Bem dito, valoroso yeomen, respondeu o Cavalleiro Negro. E eu, se me julgues capaz de tomar parte no commando d'esta acção e se entre estes valentes alguns quizerem seguir um verdadeiro cavalleiro inglez, pois que assim me posso chamar sem receio, prompto, com a pericia que me ensinou a experiencia, a guial-os no ataque d'aquellas muralhas.

Estando assim distribuidos os papeis dos chefes, começaram o primeiro assalto, de que o leitor já conhece o resultado.

(Continúa.)

(106)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXX

—Quem se está aqui a rir? exclamou elle em voz alterada, porque o rumor da batalha não impediu que o echo da sua propria voz lhe chegasse de novo aos ouvidos —quem se está aqui a rir? E's tu, Ulrica? Falla, bruxa, e eu perdote, porque só tu ou o proprio diabo do inferno seria capaz de se rir em tal momento. Para traz!... fóra d'aqui!...

Mas seria uma impiedade levar mais longe a pintura do blasphemador e do parricida no seu leito de morte.

Ainda mais uma vez á brecha, caros amigos, ou tapemol-a com os nossos cadaveres... E vós, bons yeomen, que sois filhos da Inglaterra, mostrae agora o brio que bebestes com o leite, e que se possa jurar que sois dignos da vossa geração.

O REI HENRIQUE V.

Apezar de Cedric não ter grande confiança na promessa de Ulrica, não deixou de dar conhecimento d'ella ao Cavalleiro Negro e a Locksley. Estes fiaram muito contentes por saberem que tinham dentro da praça um amigo, que poderia em caso de necessidade facilitar-lhes a entrada n'ella, e combinaram immediatamente com o saxão apressar o ataque, a todo o custo, como unico meio de libertarem os prisioneiros das mãos do cruel Testa-de-Boi.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

SAPATARIA AVEIRENSE
DE
Marques d'Almeida & Irmão
AOS BALBÕES
Garante-se a perfeição e solidez
PREÇOS MODICOS

NOVIDADE LITTERARIA
SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.
Trad. de **EDUARDO NORONHA**
Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.
Preço 500 réis
A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

SEM DOGMA
Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS?
QUO VADIS?
tradução de **EDUARDO DE NORONHA**
300 rs. cada volume 300
A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, LISBOA.

POVO DE AVEIRO
Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro — Lisboa.

ALMANACH HACHETTE PARA 1901
Já se acha á venda na livraria **Mello Guimarães**, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA
Os Mystérios da Inquisição
POR
F. GOMES DA SILVA
Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.
Nos **Mystérios da Inquisição** descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebulhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exultado amor.
Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.
Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á **Companhia Nacional Editora**—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

NOVIDADE LITTERARIA
O DILUVIO
Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? traduzido directamente do polaco por Seldia Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram **O DILUVIO** superior ao QUO VADIS.
A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores.
Preço. 300 réis
Pedidos á **Companhia Nacional Editora**, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL CONCALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.
Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio, Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.
Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).
Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.
Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.
Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).
Flores artificiaes e corôas funerarias.
Ampliações photographicas. Encadernações.
N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

PARA E MANAUS

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos **paquetes de 13 de cada mez em Leixões**
Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.
Africa Occidental
Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

PUBLICAÇÕES

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.
VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol.
EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1. vol.
A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. — 1. vol.
SENHOR EU, de Farina. — 1. vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á **Companhia Nacional Editora**, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA
Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA

DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de **L. BENETT**. Trad. de **PEDRO VIDOEIRA**

50 rs. cada semana, no acto da entrega

“O NORTE,”

Em Aveiro vende-se no **Kiosque Central**.

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.
Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louca de Sacaven que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello **Champagne**.
Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.
Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.
Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.
Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.
Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercaderia mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, cloroeto, enxofre, gesso de estanho, vidraça, telha de vidro, chaminés e torçidas para candieiros, papéão, artigos de mercearia e muitos outros.
A venda no estabelecimento de **Domingos José dos Santos Leite**

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALOQUILARIA

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.
Vende-se palha sarrotada para gado.
Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da **Companhia SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79